ESTUDOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA NO ÂMBITO DO PIBID: UM DIÁLOGO SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

Ana Paula da Silva [1], Erica Nara Resende [2], Miriam Alves da Silva [3], Cinayana Silva Correia [4], Vania Maria de Oliveira Vieira [5]

[1] Uniube, pauli_ana2222@hotmail.com, [2] ericanara@hotmail.com, [3] mirinha2000@hotmail.com, [4] cinayana@hotmail.com, [5] vaniacamila@uol.com.br

Agência de fomento: CAPES/PIBID/UNIUBE

Linha do trabalho: Espaços formativos, memórias e narrativas.

Resumo: O presente relato tem por finalidade apresentar um estudo sobre o tema "orientação sexual nas escolas", realizado durante os encontros de formação de professores, previstos como atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Estes estudos foram realizados pelas alunas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Uniube, sob a orientação da coordenação do subprojeto "Formação de professores: trabalhando a diversidade na escola" e de um Psicólogo e uma Pedagoga da comunidade local, com experiência acerca do tema discutido.

Palavras-chaves: Diversidade, PIBID, formação de professores, orientação sexual.

Introdução

O conhecimento precisa ser vivido e praticado para ser apreendido. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem uma nova perspectiva de formação de professores da Educação Básica. Ele estimula o discente dos cursos de licenciatura a buscar e criar novos caminhos para a educação, vivenciando a ação de "ser professor" desde os primeiros anos de graduação. O programa tem como objetivo proporcionar uma vivência de sala de aula à nova geração de professores que vão ser inseridos na educação e também valorizar o professor da Educação Básica.

Enquanto *pibidianas*, temos a oportunidade de vivenciar diferentes situações de aprendizagem para o nosso crescimento profissional e pessoal, como: práticas docentes (regências na sala de aula), realização de trabalhos acadêmicos, estudos pedagógicos, palestras, cursos de formação continuada e outros.

No início deste ano, após detectarmos a necessidade de conhecer melhor questões ligadas ao desenvolvimento infantil, realizamos um curso de formação continuada com dois profissionais da comunidade - um psicólogo e uma pedagoga, sobre o tema *orientação sexual nas escolas.* Os encontros de formação foram realizados semanalmente, durante o primeiro semestre de 2015.

Os orientadores do curso foram uma pedagoga e professora da Educação Básica, cuja dissertação de mestrado foi sobre "Orientação sexual: representações sociais dos professores de Educação Básica de escolas públicas de Uberaba-MG", e um psicólogo clínico (terapeuta sexual).

E a aprendizagem realizada nessa formação continuada que propomos relatar neste texto. Vamos aqui apresentar alguns constructos teóricos que tivemos oportunidade de estudar e discutir durante os nossos encontros, especificamente sobre a importância da orientação sexual nas escolas.

A orientação sexual nas escolas

Nesses estudos, trabalhamos como se constrói o processo de identificação sexual da criança e discutimos a necessidade de procurar entender o que está implícito nas falas e ações das crianças, durante o seu desenvolvimento.

De acordo com Suplicy (1990), a orientação sexual é um processo muito importante no desenvolvimento do ser humano e deve ocorrer durante toda a sua vida, desde o seu nascimento.

É a escola um lugar onde nossas crianças passam um bom tempo de suas vidas.

Por isso, a discussão sobre sexualidade precisa ser considerada nos cursos de formação de professores. A sexualidade deve ser compreendida como parte da vida, assim como todas as outras descobertas e assuntos trazidos pelas crianças devem ser tratados de modo contínuo, embora existam fases diferentes e ritmos próprios que precisam ser respeitados.

Freire (1993, p. 12), além de comungar com essa ideia, acrescenta que:

> A sexualidade, enquanto possibilidade e alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exigem de nós essa volta crítico - amorosa essa busca de saber do nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

Ora, para Freire (1993), a sexualidade é muito mais do imaginamos ser, é uma extensão de nós mesmos, é prazer, é boniteza, é amor... Daí a importância de esse tema ser tratado com seriedade nas escolas.

Nas palavras de Egypto (2012), o termo "Orientação Sexual" foi utilizado nos PCN para diferenciar o trabalho pedagógico sistematizado, realizado pela escola, do processo mais amplo de educação sexual propiciado pela família e sociedade. Para esse autor, é uma maneira de estabelecer diferenças de espaço e abordagem.

Considerando que o papel fundamental da escola é a formação integral do aluno e que a Orientação Sexual é parte desse processo, a LDB/1996 estabeleceu que ela estivesse presente nos conteúdos escolares da Educação Básica a partir dos "temas transversais" inscritos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). A proposta desses parâmetros reconhece que a sexualidade influencia o desenvolvimento da criança. Afirmam que é uma necessidade básica do ser humano - influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações.

Nesse sentido, segundo Araújo (2015, p. 6), "a Orientação Sexual pode constituir-se num fator importante para o desempenho escolar dos alunos, uma vez que essa questão envolve relações interpessoais mais saudáveis e aumento da autoestima".

Calderone e Ramey (1986) afirmam que as bases da Educação Sexual da criança iniciam-se quando ela recebe atendimento para suas necessidades de alimento e afeto. Assim, cuidar da alimentação, acariciar, segurar e tocar a criança com cuidado e atenção pode proporcionar confiança que servirá de base para bons sentimentos. Para esse autor, a confiança estabelecida na infância repercutirá no seu desenvolvimento, tornando-a um adulto com mais confiança ao vivenciar, mais tarde, relações afetivas.

De acordo com Chagas (1995 *apud* DELL'AGLIO e GARCIA, 1997), devemos educar para a sexualidade de modo sistemático e intencional, e não como o fazemos frequentemente, de forma não-verbal, intuitiva e assistemática. Sobre isso, Suplicy (1990) recomenda que a orientação sexual seja feita sempre de forma sistematizada para que a criança possa falar sobre suas dúvidas a qualquer hora. Afirma, ainda, que o tema deverá ser abordado sempre que

aparecerem situações que envolvam discussões sobre a sexualidade, e que o professor deve estar atento para tomar a iniciativa e esclarecer dúvidas quando surgirem.

Uma criança que recebe orientação sexual, ainda conforme Suplicy (1990), e que tem pais com os quais possa conversar, tem maior possibilidade de assimilar os conceitos de responsabilidade pela própria saúde, higiene e bem-estar. Além disso, a educação sexual dada pelos pais implica não somente passar informações e transmitir valores, mas também desenvolver o respeito pelo outro.

Souza e Osório (1993) afirmam que cada criança é diferente da outra e que os pais são os que as conhecem bem, sendo que a educação sexual da criança cabe, então, fundamentalmente, a eles. Para tanto, sugerem que os pais sejam chamados à escola, para dialogar sobre o assunto, receber esclarecimentos úteis e poder, assim, estar mais aptos a dar educação sexual aos seus filhos.

Na Educação Infantil também precisa haver espaço para que as crianças possam falar de questões sobre as quais têm dúvidas e curiosidade - questões sobre nascimento, diferenças sexuais e reprodução. Esses assuntos precisam ser conversados da mesma forma como se explica para a criança outras funções do seu corpo e fatos da sua vida. As perguntas como, por exemplo, "de onde eu vim?" demonstram não só o interesse da criança pelo sexo, mas também revelam que ela está pensando, querendo entender onde ela começou. Quando a criança se dá conta das diferenças entre meninos e meninas, quer saber que diferenças são essas, porque elas existem.

Sobre os termos “sexo” e “sexualidade”, de modo geral, pode-se dizer que os professores e os profissionais de saúde os consideram distintos, isto é, o conceito de “sexualidade” é mais amplo que o de “sexo”, pois abrange mais do que uma simples relação física.

Para os PCN (BRASIL, 2001, p. 81), “[...] sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais)”. Por sua vez, com relação à sexualidade, assim se pronunciam:

> [...] a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo. Nesse sentido, a proposta de Orientação Sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológicas, psíquica e sociocultural (BRASIL, 2001, p. 81).

Em princípio, parece que os PCN consideram que a distinção entre “sexo” e “sexualidade” estaria no fato de o primeiro se referir ao biológico, e o segundo, ao cultural. No

entanto, não é bem isso que afirmam. Para eles, a sexualidade, além de considerar a dimensão biológica, pois abrange também o sexo, transcende esse conceito.

Reafirmamos ainda que é preciso esclarecer de que modo o conceito de "sexualidade" é mais abrangente que o de "sexo". Para nós, o conceito de "sexo" está contido no de "sexualidade", e seria mais adequado substituí-lo, pois, ao se conceber "sexo" como algo estritamente biológico, ou como sinônimo de "ato sexual", corre-se o risco de se restringir a "sexualidade" à "sexualidade genital", e, com isso, subsumir o conceito de "sexualidade" ao de "reprodução". Conforme os PCN (BRASIL, 2001, p. 73), "[...] busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano".

Os PCN (BRASIL, 2001) consideram também que a sexualidade é inata, afirmando, assim, a existência da sexualidade infantil. Para eles, "a sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos". Quer dizer, o conceito de "sexualidade" vai além do biológico e inclui fenômenos psíquicos e socioculturais, uma vez que está ligado ao desenvolvimento psíquico, afetivo, emocional.

Nesta formação continuada, nossos estudos buscaram também diferenciar sexo de sexualidade, no sentido de compreender como cada conceito trabalhado, ao longo do tempo e do espaço da criança, por meio dos princípios e valores advindos da cultura e da ciência, possa contribuir para o melhor entendimento acerca dos dois conceitos que, ao mesmo tempo, se diferenciam, mas também estão interligados.

Com isso, fomos motivadas, pelos estudos e discussões realizadas durante nossos encontros de formação, a observar como a orientação sexual era realizada na escola em que estamos atuando como *pibidianas.*

Pudemos perceber que os resultados apontados pela pesquisa de Araújo (2015), sobre a orientação sexual realizada pelos professores de Educação Básica, também podem ser constatados na escola em que estamos realizando as atividades do PIBID.

Para Araújo (2015, p. 6), as análises dos dados coletados no seu estudo mostram que os professores, participantes da pesquisa:

> [...] têm construído representações sobre a Orientação Sexual realizada por eles em sala de aula, a partir de sentimentos que denotam ser essa atividade *necessária* para os

> alunos, uma vez que buscam por *informações* que são motivadas pela *curiosidade*. Ao mesmo tempo em que *orientam* seus alunos, promovem o *respeito* a si e ao outro. Os resultados apontam também que, embora os professores reconheçam a importância da Orientação Sexual em sala de aula, para a maioria, ou seja, 70% dos participantes, esse trabalho quando se realiza é motivado por iniciativa individual dos docentes. Esse fato representa aspecto negativo, pois, conforme hipótese inicial levantada neste estudo, o desempenho escolar dos alunos e consequentemente o desenvolvimento integral do indivíduo, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, parece estar comprometido.

Ora, as análises de Araújo (2015) evidenciam, mais uma vez, a necessidade da realização de estudo, sobre a orientação sexual nas escolas.

Considerações Finais:

Neste relato, procuramos sintetizar as aprendizagens construídas durante a realização dos estudos nos encontros de formação continuada, previstas nas atividades do PIBID, no primeiro semestre de 2015.

Para nós, foi muito enriquecedor ter tido a oportunidade de dialogar e discutir o tema "sexualidade", considerado ainda polêmico na nossa sociedade, com um psicólogo e uma pedagoga, cuja pesquisa de mestrado versava sobre a orientação sexual nas escolas.

Aprendemos com eles que é fundamental, para a mudança do professor em relação à sua concepção da 'sexualidade', um espaço de escuta e de formação teórico-prática para esse trabalho. Sabemos que esse tema nem sempre faz parte do conteúdo de formação no curso de Pedagogia e deve ser pauta nas reuniões de formação do quadro docente, sobretudo no segmento da Educação Infantil.

Para o educador que estiver preocupado em saber como agir diante das investigações infantis, o primeiro alerta que damos é sobre o fato de não existirem receitas prontas, cada caso é um caso, e o educador deve estar preparado para se deixar surpreender pelo novo e inusitado, deixar-se questionar pela realidade tal como ela se apresenta, desprovido de prejulgamentos e juízos morais.

Referências

ARAUJO, M.T.L.S. Orientação Sexual: representações Sociais dos professores de Educação Básica de escolas públicas de Uberaba-MG. 142f. (Dissertação). Uberaba. Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado. 2015.

BRASIL, **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural: orientação sexual/Volume 10. Secretaria de Educação Fundamental, 3. ed., Brasília, 2001.

CALDERONE, M. S. & RAMEY, J. W. **Falando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Summus. 1986.

DELL'AGLIO, D. D; GARCIA, A. C. L. **Uma experiência de educação sexual na pré-escola.** *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 1997, n.12-13, pp. 97-110. ISSN 0103-863X.

EGYPTO, A.C. **Orientação sexual na escola:** um projeto apaixonante. 2. ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez. 1993.

SOUZA, R.P & OSÓRIO, L.C **A Educação Sexual de Nossos Filhos-Uma Visão Contemporânea.** Porto Alegre: Mercado Aberto. 1993.

SUPLICY, M. **Papai. Mamãe e Eu**. São Paulo: FTD. 1990